

MARGUTTI, Paulo R., *História da filosofia do Brasil. O período colonial (1500-1822)*, Edições Loyola, São Paulo 2013; 384 pp.; ISBN 9788515039937.

A insatisfação com a escassez de pesquisa sobre a filosofia brasileira por parte do meio acadêmico foi o principal impulso para as pesquisas do Prof. Dr. Paulo Roberto Margutti, as quais resultaram no presente volume de uma *História da Filosofia do Brasil*.

O desinteresse acadêmico por autores brasileiros de primeira grandeza, tais como José Osvaldo de Meira Penna, José Guilherme Merquior e Mario Vieira de Mello, de um lado, e o desejo de superar a «esquizofrenia» de uma divisão ideológica entre pesquisadores, de outro, contribuiu para o título significativo de uma nova História da Filosofia do Brasil, ou seja, não apenas a história do pensamento filosófico produzido no território nacional, mas a história de tal pensamento especificamente brasileiro. De modo geral, portanto, a tentativa é a apresentação do estatuto da filosofia brasileira num cenário que inclui igualmente as filosofias inglesa, francesa e alemã. Trata-se de um contraste não só à autoimagem negativa de autores que não acreditam na possibilidade de uma identidade nacional em relação ao pensamento filosófico, como, por exemplo, Leonel Franca (*A Filosofia no Brasil*), como ao receio de autores que acreditam nessa identidade, mas não consideram prudente apresentá-la diretamente como tal, como, por exemplo, Antonio Paim (*História da ideias filosóficas no Brasil*).

Uma vez que a busca por essa identidade parte do período colonial, não se pôde ignorar as relações entre a Metrópole e a Colônia, de modo que num primeiro momento há uma exposição e um balanceamento da filosofia especificamente lusitana do período em questão, compreendendo um intervalo que vai desde a segunda escolástica portuguesa (1500-1750) até o período iluminista (1750-1822). Ao longo dessa exposição, não se descartou a contribuição de filósofos não portugueses, tais como Luís de Molina (1535-1600), Francisco Suárez (1548-1617) e Rafael Bluteau (1638-1734), em consonância com o objetivo inicial de compreender a filosofia lusitana não isoladamente, mas sua especificidade na Península Ibérica, bem como a posição dessa última na história europeia.

No que se refere ao segundo capítulo, no qual se expõe a filosofia do Brasil Colônia, a busca da referida identidade se deparou com a dificuldade da ausência de universidades e a escassez de publicações de caráter filosófico. Assim, a pesquisa direcionou-se para a busca e avaliação da visão de mundo

do período em questão, buscando as raízes dessa investigação nas características antropológicas e culturais e enfatizando, naturalmente, o aspecto filosófico da visão de mundo apresentada. O mesmo método foi utilizado para se retratar a visão de mundo dos indígenas e africanos, seção que antecede a avaliação do período colonial e que se propõe igualmente a explicar parte dos fundamentos desse último.

Um interessante paralelo com a literatura do Brasil colonial é feito a partir da admissão da ideia de que alguns literatos brasileiros, tais como Gregório de Matos Guerra (1636-1695) e Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), foram capazes de expressar intuições de teor filosófico mediante suas obras, de modo que, na seção em que os aborda, Margutti oferece tais nomes como exemplos de literatos filósofos e apresenta suas ideias em convergência com a visão de mundo tratada. No primeiro, ressalta-se a relação entre sua disposição anarquista como típica do homem ibero-tropical. No segundo, inaugurador do movimento arcadista, salienta-se sua preocupação em ser aceito pela Metrópole, pessimismo e sua visão de mundo vinculada ao catolicismo barroco colonial.

Quanto ao método utilizado, o que se tentou foi uma combinação entre o rastreamento histórico das ideias dos filósofos apresentados com uma confrontação dessas mesmas ideias com a realidade, isto é, na terminologia de Goldschmidt, um arranjo entre o método lógico e o método genético. A adoção dessa conciliação fundamenta-se na ideia de que tem sido justamente a ênfase no método histórico em detrimento do lógico que ocasionou a autoimagem negativa verificada em leituras como a de Cruz Costa. Ademais, visa a não perder de vista a relação entre os problemas, as perspectivas e seus devidos contextos. Tal atitude se propõe igualmente a harmonizar a vastidão de informação com a profundidade de análise, em contraste, entende o autor, com obras como a de Jorge Jaime (*História da filosofia no Brasil*).

No que se refere à interpretação das ideias expostas, a metodologia do autor é fundamentada em técnicas que vão da *hermenêutica diatópica* (Raimundo Panikkar) à *hermenêutica pluritópica* (Tlostanova e Mignolo), como meio de sanar a dificuldade de compreensão do que está fora de determinado horizonte de significados. Com isso, pretende-se um reconhecimento da alteridade da filosofia brasileira, o que até o momento tem esbarrado na contaminação de uma imagem negativa subordinada tão somente a critérios europeus.

Carlos Frederico Lauer Garcia
(Bolsheiro de investigação CAPES-FCT.
Faculdade de Letras da Universidade do Porto)